

---

## **Em busca do Amor na Inteligência Artificial: do trajeto antropológico às imagens digitais<sup>1</sup>**

Francisco dos SANTOS<sup>2</sup>  
Fayller Augusto dos Santos APRATO<sup>3</sup>

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS

### **RESUMO**

Este trabalho tem como objetivo estudar como a inteligência artificial generativa representa o amor romântico, através das imagens fotográficas geradas pelo Copilot Designer, da Microsoft. Para isso, serão discutidas teoricamente noções de inteligência coletiva, imaginário, trajeto antropológico e amor romântico. Como metodologia, será feito um experimento de criação de imagens com a inteligência artificial seguida de uma leitura simbólica dos resultados. Ao final, se conclui que as imagens que emergem desta tecnologia da inteligência se constroem a partir do desgaste das imagens simbólicas, representando apenas aquilo que se encontra na superfície do imaginário.

**PALAVRAS-CHAVE:** inteligência artificial; inteligência coletiva; amor romântico; comunicação; imaginário.

### **INTRODUÇÃO**

Há muito nossa cultura está permeada pelas tecnologias de comunicação e informação. Para além da dimensão técnico-científica ou econômica e industrial, o progresso da técnica provocou transformações em nossos modos de vida, consumo, comportamentos e emoções. Nos últimos anos, com o surgimento das Inteligências Artificiais Generativas, especialmente as que têm processamento de linguagem natural, os nossos processos de abstração e cognição vêm recebendo interferências destas tecnologias. Neste sentido, há uma preocupação crescente dos estudiosos da cultura sobre os efeitos que tais desenvolvimentos provocam nas relações humanas, em nossa forma de conceber construtos até então complexos, como o amor e, em especial, o amor romântico. Este trabalho, portanto, tem como objetivo estudar como a inteligência artificial generativa representa o amor romântico, através das imagens fotográficas geradas pelo Copilot Designer, criador de imagens da Microsoft.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Fotografia, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Professor substituto da FABICO-UFRGS, email: [chico.f.santos@gmail.com](mailto:chico.f.santos@gmail.com)

<sup>3</sup> Mestre em Comunicação pelo PPGCOM-UFRGS, email: [fas.aprato@gmail.com](mailto:fas.aprato@gmail.com)

## REFERENCIAL TEÓRICO

Em primeiro lugar, é preciso se aprofundar no contexto tecnológico. O desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação chegaram a um tal ponto que provocaram transformações não só em processos e produtos, mas também se imbricaram em nossa cultura. Jenkins (2015) aponta para uma "cultura da convergência", fenômeno profundo e complexo, que abrange não só transformações tecnológicas, mas também econômicas, sociais e culturais, onde as novas e antigas mídias coexistem em um ambiente que abrange uma diversidade de públicos e interesses. Especialmente por conta do desenvolvimento da internet e do crescimento vertiginoso das redes sociais, indivíduos que até então apenas consumiam o conteúdo on-line, passaram a produzir seus próprios, tornando-se "prosumidores", produtores e também consumidores de conteúdo.

Esta liberdade de produção de conteúdo e facilidade de comunicação proporcionada pelas redes sociais cria o que Jenkins (2015) chama de cultura participativa: uma cultura onde qualquer usuário, através de suas conexões, pode se expressar como bem entender a partir de seu perfil na internet. Em consonância, Lévy (1998) percebe o surgimento de uma inteligência coletiva: na medida em que cada usuário tem a liberdade de criar seu próprio conteúdo e faz o upload para a rede, outros usuários que porventura venham a precisar deste conteúdo, podem acessá-lo a partir da conexão. Neste sentido, a inteligência individual pode ser ampliada e transcendida através da rede, haja vista que basta acessar uma página na web para que tenhamos acesso ao conhecimento - através de textos, imagens e demais mídias feitas por outros usuários.

Tal mudança também é percebida por Castells (2003), que fornece uma visão crítica acerca do fenômeno. O autor discute a presença fulcral da internet em nossa cultura a partir da noção de rede, um conjunto complexo de interconexões entre pessoas, empresas, estruturas eletrônicas e interfaces digitais. Neste contexto, a formação de comunidades, o desenvolvimento de subjetividades e os limites entre aquilo que é público e o que é privado também passaram a ser inter cruzados pela rede através das interfaces digitais.

---

Nos últimos anos, um novo salto tecnológico passou a ganhar a atenção de pesquisadores e pessoas que habitam a rede. Estamos nos referindo à inteligência artificial generativa, em especial as IAs com processamento de linguagem natural. Estruturada a partir de um modelo lógico de processamento de dados, esta tecnologia permite que, através de um prompt de comando, os usuários possam solicitar à máquina que desenvolva textos, crie imagens e elabore planejamentos complexos. Dentre estas ferramentas está o Microsoft Copilot Designer, inteligência artificial de uso gratuito, que cria imagens visuais a partir do processamento de comandos através de um prompt.

Em segundo lugar, é preciso se debruçar sobre as novas formas de ser do humano cercado pela técnica. Daqui, o que nos interessa é justamente a maneira como nossas relações humanas se tornaram também permeadas por esta tecnoestrutura de plataformas, protocolos informáticos e inteligência artificial. Contrera (2012), por exemplo, já refletiu acerca da presença inexorável da Mediosfera, esta estrutura de fiações e conexões elétricas que se coloca não só entre o ambiente humano e o natural, mas também se imbrica nas relações humanas, na nossa produção cultural e em nosso imaginário. Entendendo este último como um grande museu de imagens compartilhado por toda a humanidade (Durand, 2002; 2011), constituindo o capital pensável da espécie, podemos levantar uma primeira questão: em que medida tal tecnoestrutura interfere em nossa produção de imagens e, conseqüentemente, na fundação de nosso imaginário? Ou, em outras palavras: que articulação ocorre entre o inconsciente antropológico e a inteligência coletiva (Lévy, 1998).

Além disso, se considerarmos que as imagens que partilhamos se formam no seio de um trajeto antropológico (Durand, 1995), que é a incessante troca que existe entre as pulsões que vêm do inconsciente coletivo e as coerções que emanam do meio social, podemos refletir sobre os níveis do trajeto que esta tecnoestrutura consegue penetrar. Nesta esteira, ao refletirmos sobre uma aparente onipresença desta estrutura técnica e a permanência inexorável das inteligências artificiais em nosso cotidiano, somos intimados a refletir se tais tecnologias têm os requisitos para desenvolver imaginação, além da criação de imagens sob demanda.

Assim, de forma a entender como tais imagens são representadas pela inteligência artificial, nos inspiramos em uma emoção, um símbolo tão caro para nossa vida contemporânea: o amor. Mais precisamente, pretendemos refletir sobre as imagens

que são criadas a partir da inteligência artificial sobre o amor romântico. O amor desdobra diversas questões, tratados e tabus independente das culturas na qual ele está inserido. Toledo (2013) marca a revolução sexual dos anos 1960 como um momento de libertação, não só sexual, mas também para destituir da família o lugar privilegiado da expressão amorosa. Casais se encontram e desencontram em um piscar de olhos, exemplos como os amigos que sentem ciúmes (Barthes, 2018). O amor, quando relacionado a possessividade, sugere tanto um encontro do acaso, que pode durar a vida toda, quanto uma força do destino, onde duas pessoas se esforçam para seguirem juntas. Há culturas em que um relacionamento amoroso se encontra fadado a ser realizado desde que acontece o primeiro interesse mútuo entre pessoas. Há, ainda, aqueles amores que nascem da saudade (Anaz, 2013). Também, encontramos na reflexão de Bauman (2004), a fluidez dos vínculos amorosos, perpetrada pela cultura contemporânea, consumista e imediatista.

Dito isso, o amor romântico, como imagem simbólica construída a partir do trajeto antropológico, se difunde em imagens muito amparadas nas figuras de Tristão e Isolda, um romance da cultura ocidental que apresenta o amor cortês (Lins, 2007). Este romance trágico tornado mito, narra a batalha de um cavaleiro e uma donzela para ficarem juntos, ele tendo que enfrentar um dragão em nome do amor que sentia por ela e ela aguentando a situação do cárcere por seu amado. O derradeiro ato do casal foi a sua morte trágica e prematura, amplificada por mentiras e intrigas, servindo como inspiração para histórias como Romeu e Julieta, de William Shakespeare.

## **METODOLOGIA**

De forma a ilustrar a discussão acerca de como a Inteligência Artificial representa as imagens do amor romântico, fizemos um pequeno experimento, seguido de uma leitura simbólica (Fantinel e Barros, 2015). O experimento consistiu em acessar o prompt do Copilot Designer, inteligência artificial dedicada à criação de imagens desenvolvida pela Microsoft e de acesso livre. A partir da digitação de uma descrição da imagem que se quer gerar, a interface faz a elaboração quase instantânea de duas ou mais opções de ilustrações ou simulações fotográficas, mais ou menos figurativas. Cada usuário pode digitar e criar suas opções de imagens por até 15 tentativas. Assim,

escolhemos 5 termos de pesquisa e fizemos o procedimento de criação três vezes por termo. Assim, digitamos primeiro a expressão "amor" e clicamos no botão "Criar". Repetimos por três vezes. Em seguida, fizemos o mesmo procedimento com a frase "amor romântico", também por três vezes. Depois, foi a vez de testar com os termos "romântico", "casal apaixonado", " e, por fim, "casal feliz", cada uma por três vezes.

Com as imagens geradas, procedemos à leitura simbólica, uma metodologia inspirada na mitocrítica (Durand, 1998), há muito utilizada na crítica literária, nos estudos do imaginário e também nas pesquisas da área da Comunicação. A mitocrítica consiste em realizar um recenseamento das metáforas obsessivas (Coelho Neto, 1997) presentes nas obras culturais, observando suas recorrências e redundâncias, de forma a compreender as redes de sentido que se formam a partir delas. Consequentemente, a leitura simbólica faz essa busca de imagens simbólicas a partir da observação das imagens, identificando elementos visuais, como formas, linhas e cores, além de sua composição. Destes enxames de imagens, podem ser feitas inferências sobre similaridades simbólicas com narrativas míticas presentes no imaginário. Estas narrativas míticas é o que podemos chamar de mitos, construtos simbólicos que organizam as imagens simbólicas no fio do discurso (Durand, 1998; 2011), como forma de explicar e dar significado ao mundo.

## **RESULTADOS E CONSIDERAÇÕES**

Como resultado, as imagens fornecidas pela inteligência artificial são criadas em uma visualidade monotemática, mas com algumas referências fugazes às imagens simbólicas. Em todas elas, a partir das palavras digitadas, as imagens que se formam são habitadas por uma estética romântica infantilizada, com elementos de traços finos e arredondados, cores em tons amarelados, brancos e diferentes tipos de rosa. As imagens que retornaram ao digitarmos "amor" formavam a figura ilustrada de um Cupido, divindade mitológica associada ao amor, apresentado em feições infantis, nu ou seminú, voando com suas asas e segurando um arco e flecha, sobre um fundo claro, com figuras abstratas de coração. Para o termo "amor romântico", as imagens criadas mostravam ilustrações de casais, heteronormativos e brancos, sentados em um banco de praça, com árvores floridas em volta, sob o pôr do sol. Também, há poucas variações na imagem

quando usamos os termos "romântico" e "casal feliz": o casal branco e hétero, em uma das opções com feições asiáticas, também aparece sentado em um banco de um parque, em diversos ângulos, mas de imagem aparentemente fotográfica. O input "casal apaixonado" gerou novamente ilustrações de casais em um banco de praça, sob a luz do sol de final de tarde, árvores floridas e borboletas e pássaros voando.

Por fim, podemos inferir que nestas imagens, temos fortemente as figuras de Tristão e Isolda, não em sua face trágica, com toda a carga simbólica que o mito é capaz de mostrar, mas exibindo os aspectos benignos e condicionados socialmente presentes em seu amor romântico. Observamos figuras pudicas, com cores e elementos que remetem a uma inocência, em tons pastéis e rosados, o que também é reforçado pelos tons de pele das pessoas representadas. Especificamente para as imagens que retornaram ao digitarmos a palavra "amor", tivemos a figura de Eros, o Cupido, mas também despido de seus aspectos misteriosos e libidinosos: é andrógino, infantil e carrega com pureza arco e flecha quase que decorativos. Ao final, é importante ressaltar que tais imagens criadas pela inteligência artificial não só perpetuam o desgaste dos mitos encontrados, mas também são criados a partir do desgaste, na medida em que são criados a partir de dados provenientes de uma cultura superficial da inteligência coletiva, conseqüentemente atuando em um nível superficial do imaginário.

## REFERÊNCIAS

ANAZ, S. A. L. **A comunicação do amor romântico no pop-rock brasileiro**: um estudo do imaginário nos processos criativos de Erasmo Carlos, Rita Lee e Pato Fu. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 285 p. 2013.

BARTHES, R. **Fragmentos de um discurso amoroso**. São Paulo: Unesp, 2018.

BAUMAN, Z. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

CASTELLS, Manuel. **A Galáxia Internet**: reflexões sobre a Internet, negócios e a sociedade. Zahar, 2003.

COELHO NETO, J. T. **Dicionário crítico de política cultural**. São Paulo: Iluminuras, 1997.

CONTRERA, Malena Segura. **Mediosfera**: meios, imaginário e desencantamento do mundo. Editora Imaginalis, 2012.

DURAND, Gilbert. **A imaginação simbólica**. Lisboa: Edições 70, 1995.

- 
- \_\_\_\_\_. **As estruturas antropológicas do imaginário.** São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- \_\_\_\_\_. **Campos do imaginário.** Lisboa: Instituto Piaget, 1998.
- \_\_\_\_\_. **O imaginário:** ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem. Rio de Janeiro: DIFEL, 2011.
- FANTINEL, D.; BARROS, A. T. M. P. **Revelando o imaginário do filme “O dia que durou 21 anos”.** Lumina, [S. l.], v. 8, n. 2, 2015. DOI: 10.34019/1981-4070.2014.v8.21139. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/lumina/article/view/21139>. Acesso em: 28 jun. 2024.
- JENKINS, Henry. **Cultura da convergência.** Aleph, 2015.
- LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva.** São Paulo: Loyola, v. 22, 1998.
- LINS, Regina Navarro. **A cama na varanda:** arejando nossas idéias a respeito de amor e sexo: novas tendências. 11ª edição. Rio de Janeiro: BestSeller, 2007.
- TOLEDO, M. T. **Uma Discussão sobre o Ideal de Amor Romântico na Contemporaneidade – do Romantismo aos padrões da Cultura de Massa.** Mídia e Cotidiano, v. 2, n. 2, p. 303-320, 30 jun. 2013.